

▼ Editorial

Destaca o compromisso do IDE-JF com o estudo do Espiritismo2

Oferecer aquilo que falta

Com base em uma passagem do Evangelho de Marcos, Ely Matos tece uma reflexão sobre o valor de dar aquilo que nos falta. O autor explica essa aparente contradição, destacando a construção de um entendimento mais amplo sobre o exercício da caridade e a busca do autoaprimoramento.



Página 6

Psicografia

Poema mediúnico exalta a importância de viver o Natal com Cristo 8

Página 8

O pensamento kardequiano ontem e hoje

Neste texto, a diretora Claudia Nunes promove uma contextualização histórica das contribuições do codificador, considerando as vertentes ideológicas predominantes do seu tempo. Com isso, Nunes ressalta que o Espiritismo tem, por essência, um caráter progressivo, que assinala a necessidade de analisar os temas atuais sob essa perspectiva.

Página 3

Leitura e análise de livros espíritas

Léia da Hora e Juliana Nader refletem sobre a relevância de analisar, com maior profundidade, as obras espíritas, sobretudo aquelas de natureza mediúnica. Elas defendem o argumento de que a leitura dos títulos espiritistas deve envolver uma confrontação com os postulados kardequianos, de modo a extrair um entendimento lógico e racional em torno das contribuições trazidas pelos autores espirituais, incluindo os clássicos. O texto engloba exemplos de como fazer essa análise, a partir de trechos da lavra de André Luiz.



Crédito: Freepik.

Páginas 4 e 5

O que ensinar primeiro nas escolinhas de Evangelização?

Neste artigo, os autores defendem um princípio que pode parecer um pouco óbvio, à primeira vista. Eles argumentam que é preciso ensinar na Evangelização espírita infanto-juvenil, antes de tudo, as lições do Espiritismo. Isso porque, muitas vezes, as instituições parecem priorizar os ensinamentos do Evangelho. Relembrando os princípios básicos da doutrina, o texto ressalta os fundamentos espíritas para a formação moral das crianças e dos jovens.

Página 7

Confira as novidades e participe!



ide-jf.org.br



ide@ide-jf.org.br



@IDEJF



"Lives IDE-JF"



@idejf



@ide_jf



@ide-jf



Atividades do IDE-JF

Bazar*

Sábado: 9h às 11h30

Biblioteca

Quinta-feira: 19h45 às 21h

Sexta-feira: 14h30 às 16h

Sábado: 18h45 às 20h

Espiritismo para Crianças e Mocidade

Quinta-feira: 20h

Domingo: 9h30 às 10h30

Farmácia/CAEC*

Terça e sexta-feira: 14h às 17h

Tratamento Magnético (passe)

Sexta-feira: 15h e 18h30

Grupo Higiene Mental (on-line)

Terça-feira: 19h30

Livraria

Segunda-feira: 20h às 21h

Terça-feira: 19h às 20h

Quarta-feira: 19h às 20h

Quinta-feira: 19h às 21h

Sexta-feira: 15h às 16h e 18h às 19h

Sábado: 19h às 20h

Domingo: 9h às 10h

Passe – oferecido após a palestra

Quinta-feira: 20h

Sábado: 19h

* Funciona na Avenida Santa Luzia, 40 – Bairro Santa Luzia.

Espiritismo como força que nos sustenta

O IDE-JF sempre primou pelo estudo sério e contínuo do Espiritismo e também em debater e relacionar os temas atuais com o conhecimento espírita. Basta um rápido olhar pelos livros editados pelo IDE-JF que constatamos tal realidade.

Também com essa visão, O IDEAL nos presenteia com os textos das nossas companheiras Claudia Nunes, destacando o caráter progressista da Doutrina e as problematizações que podemos fazer; e Léia da Hora e Juliana Nader, sempre muito atentas às questões doutrinárias e também ao estudo sério do Espiritismo. As últimas nos brindam com a reflexão de que sempre devemos questionar e trazer à luz da razão tudo o que vamos ler, e não nos deixarmos levar por achismos e modismos. Elas defendem que a nossa base são as obras de Allan Kardec, que devem sempre ser o nosso referencial para as leituras.

Na página 6, o texto assinado por Ely Matos leva-nos a refletir sobre como dar o que nos falta. Como trabalhar isso em nós? Aproveitando o final do ano, em que geralmente estamos mais propícios ao exercício da caridade, esse texto remete-nos a uma proposta diferente de caridade. Vale a pena a leitura!

Conversando com os textos iniciais e pautados sempre pelo estudo dos fundamentos doutrinários, a coluna destinada à Evangelização e Mocidade Espírita do IDE-JF aborda a importância do estudo dos fundamentos da Doutrina Espírita, desde os ciclos iniciais, como meio de instrumentalizar as crianças e os jovens para o autoconhecimento e também para aplicar os ensinamentos espíritas no dia a dia.

E, encerrando nosso jornal, temos uma bela psicografia recebida em uma das reuniões mediúnicas da nossa casa.

Desejamos um ótimo final de ano para todos os nossos leitores, frequentadores e trabalhadores do IDE-JF!

Muita paz!

Grupos de Estudos

Obra, Autor	Dirigente	Dia, horário Formato
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	Graça Paulino	Domingo, 9h - 9h45 – Presencial
<i>Ação e Reação</i> , André Luiz / Chico Xavier	Thereza Cristina	Segunda, 19h - 19h45 – On-line
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	João Luiz da Rocha	Segunda, 19h - 20h Presencial
<i>Fios e Tramas da Mediunidade – Conversando com Médiuns</i> – Léia da Hora	Léia da Hora	Segunda, 20 - 21h- Presencial
<i>Jesus de Nazaré, O que a história tem a dizer sobre ele?</i> André Leonardo Chevitarese	Graça Paulino e Antônio Carlos	Quarta, 20h – Presencial
<i>Revista Espírita, Ano 1863</i> , Allan Kardec	Ademir Amaral	Sexta, 20h30 - 21h-30 – On-line

PALESTRAS PÚBLICAS PRESENCIAIS

QUINTA-FEIRA ÀS 20H

SÁBADO ÀS 19H

Venha ouvir a exposição de temas espíritas,
tomar passe e colocar o nome de pessoas
queridas na vibração.
Traga a família e os amigos!

Diretoria do IDE-JF

Departamento Administrativo: Ademir Amaral e Marco Antônio Corrêa

Departamento de Comunicação: Elisa M. da Costa, Claudia Nunes, Lucas Rieger e Osvaldo Silva Filho

Departamento Doutrinário: Chrystian Barroso Chaves e Myrianceli Jorio

Departamento Editorial: Elisa M. da Costa e Osvaldo Silva Filho

Departamento de Evangelização: Izabela de Paula Gonçalves e Lucas Rieger

Departamento Mediúnico: Emilia Paro e Geraldo Marques

Departamento Social, de Promoção e Eventos: Claudia Nunes e Janezete Marques

Expediente

O IDEAL é uma publicação bimensal do Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora
Rua Torreões, 210 – Santa Luzia – 36030-040 Juiz de Fora/MG

Tel.: (32) 3234-2500 – divulgacao.idejf@gmail.com

Departamento de Comunicação: responsabilidade compartilhada entre todos os

departamentos, sendo o jornal O Ideal uma atribuição do Departamento Editorial

Jornalista Responsável: Allan de Gouvêa Pereira – MTE: 18903/MG

Editoração: Angela Araújo Oliveira

Tiragem: 500 exemplares

Impressão: W Color Indústria Gráfica – Tel.: (32)3313-2050

Os artigos não assinados são de responsabilidade do Departamento de Comunicação do IDE-JF.

Kardec sob o olhar da Modernidade

Claudia Nunes

No cenário dos Espiritismos brasileiros, atualmente, há um debate: de um lado, as pessoas discutem a importância de alinhar os pensamentos filosóficos de Kardec com as ciências e os desafios do século XXI; de outro, há quem tenha receio de acabar “desnaturalizando” o ensino do Espiritismo.

O Espiritismo se sustenta em três pilares: ciência, filosofia e religião. Neste artigo, vamos dar ênfase à filosofia, entendendo o contexto em que Kardec viveu e o impacto de suas ideias em nossos tempos.

Ao analisar a própria obra de Kardec, fica claro que ele tinha uma preocupação grande em estar alinhado com as ciências da época. Isso fica evidente por meio de sua metodologia de pesquisa em torno do fenômeno mediúnico, na construção de sua obra.

Podemos compreender a filosofia, de forma geral e prática, como o estudo das questões relacionadas ao ser humano e ao mundo que o cerca, envolvendo temas como ética, moral, linguagem, existência, verdade e conhecimento. O século XIX foi caracterizado por debates intensos no campo do conhecimento (*episteme*), da sociedade e do papel da razão.

Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), mais conhecido como Kardec, viveu entre 1804 e 1869, um período em que diversas correntes filosóficas estavam em destaque, analisando o ser humano de diferentes maneiras. Algumas dessas correntes colocavam o próprio homem como centro, deixando Deus de lado como o fator inicial, e marcando assim a transição para a Idade Moderna. Moderno entendido aqui como termo que, de acordo com o historiador alemão Hans Ulrich Gumbrecht (1948-), significa a experiência histórico-cultural da modernidade, utilizado desde a Antiguidade para designar um tempo presente, que se entende como diferente do passado.

Essa mudança trouxe novos pensamentos, questionamentos e influenciou o desenvolvimento da ciência na época. Como pesquisador, Kardec escreveu levando em consideração tudo o que

acontecía ao seu redor e utilizou esses conhecimentos para criar a Doutrina Espírita, usando os métodos disponíveis na sua época.

Kardec desenvolveu sua obra alinhada ao que ficou conhecido como positivismo, uma corrente filosófica formulada no século XIX por Auguste Comte (1798-1857). O pensamento positivista defende a ideia de uma evolução contínua e progressiva, na qual a humanidade tende a avançar constantemente. Essa visão, aliada ao ideal iluminista de progresso, considera que a ciência e a tecnologia podem promover o bem-estar social, tornando a sociedade mais justa por meio da racionalidade, refletindo a concepção do *Homosapiens*, como o “penso, logo existo” (pensamento racional cartesiano). No entanto, mesmo com esse avanço intelectual, os séculos seguintes não trouxeram necessariamente uma melhoria na qualidade de vida das pessoas.

No cenário histórico em que se inseria, a filosofia dedicava-se às problemáticas sociais em transformação, gerando novas questões sociais, estilos de vida, mudanças nos sistemas políticos e nas formas de convivência.

No século XIX, o iluminista Marie Jean Antoine Nicolas de Cáritat, o Marquês de Condorcet (1743-1794), testemunhou com precisão esse sentimento moderno de ruptura, e escreve:

“Vivemos uma era única na história humana, uma era de progresso, de avanço, de império da razão. As nossas esperanças quanto à condição futura da espécie humana podem se reduzir a estes três pontos importantes: a destruição da desigualdade entre as nações; os progressos da igualdade num mesmo povo; e, finalmente, o aperfeiçoamento real do homem” (Condorcet, 1995, p. 12).

Em outra perspectiva, e de uma maneira hipotética, se colocássemos um homem de Jerusalém da época de Jesus em uma máquina do tempo, e transportássemos esse indivíduo para um período em que os otomanos governavam a cidade (1800), ou ainda para outra época do século XIX,

ele se adaptaria ao modo de vida. Porém, se esse mesmo indivíduo fosse transportado para o século XXI, ele teria imensas dificuldades em se adaptar ao estilo de viver contemporâneo. O avanço tecnológico de nosso período o deixaria perplexo e essa adaptação dificilmente ocorreria sem prejuízo a ele mesmo.

Assim estruturado, podemos compreender a necessidade de se abrir novos debates à luz do espiritismo, correndo o risco de não atender ao próprio pensamento de Allan Kardec: “O espiritismo marcha sobre o mesmo terreno que a ciência, até os limites da matéria tangível”. (*Revista Espírita*, março de 1868).

Kardec sempre busca um diálogo com questões psicológicas, filosóficas, pedagógicas, antropológicas, evolucionistas e de muitas outras áreas, interseccionando inegavelmente o diálogo entre espiritismo e ciência.

Muitas questões ainda não haviam sequer surgido, ou ainda não tinham esse destaque que temos atualmente, como o racismo estrutural, as questões de gênero, da estrutura de família moderna, as questões ambientais, de tecnologia, entre tantas outras que despontam no dia a dia da modernidade e que acompanham o homem encarnado no planeta.

Como espíritas, temos a responsabilidade, até mesmo ética, de discutirmos esses problemas, principalmente os de cunho social, justificado pelas Leis Morais, de *O Livro dos Espíritos*, parte terceira.

O fato de a doutrina espírita sintonizar com uma fé raciocinada nos coloca dentro do debate com todas as questões pertinentes ao progresso da humanidade, que só poderão ocorrer por intermédio de uma nova visão acerca da sociedade, que seja mais justa para os indivíduos. Para essa efetivação, é essencial a dialética entre fé e razão, com viés de complementaridade, deixando evidente essa tomada de consciência com base na afirmativa “*fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade*”.





Referências bibliográficas

CONDORCET, Antoine-Nicolas. O progresso do espírito humano. In: GARDNER, Patrick. *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

GALOR, Oded. *A jornada da Humanidade: as origens da riqueza e da desigualdade*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

GUMBRECHT, Hans. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*.

Disponível em: <https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/2/o-livro-dos-espiritos>. Acesso em: 26 out. 2025.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos* 1868. Brasília: FEB, 2019.

PORFÍRIO, Francisco. Positivismo. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasil-escola.uol.com.br/sociologia/positivismo.htm>. Acesso em: 20 out. 2025.

SIGNATES, Luiz. A filosofia espírita da fé raciocinada. *Espiritismo com Kardec*, 2 set. 2021. Disponível em: <https://>

www.comkardec.net.br/a-filosofia-espirita-da-fe-raciocinada-por-luiz-signates/. Acesso em: 23 out. 2025.

Indicações de leituras complementares:

JÚNIOR, Alexandre (org). *Teoria Social Espírita: fundamentos da igualdade e justiça*. Limeira. SP: Editora Espírito Político, 2025.

LAURINDO, Ana Claudia. *(R)evolução política dos espíritos*. Maceió: Editora CBA, 2024.

Todo leitor precisa analisar o que lê

Todo espírita conhece, ou deveria conhecer, as obras básicas do Espiritismo, codificadas por Allan Kardec, dentre as quais, estão *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868).

Quanto de nós, porém, de fato, fizemos a leitura de todas elas por completo? Ou, ao menos, de uma que seja?

Mais comum é encontrarmos espíritas (e até não espíritas) que conhecem a fundo as histórias narradas, por exemplo, em *Nosso Lar* e/ou em *Os mensageiros*, de André Luiz; em *Nas fronteiras da loucura* ou em *Transição planetária*, de Manoel Philomeno de Miranda; ou no livro *Violetas na Janela*, ditado pela jovem Patrícia Braghini.

A popularidade das obras mediúnicas (que são muitas!) é evidente.

Conquanto seja inegável que o estudo das obras da codificação deva ter prioridade, sobretudo porque grafadas sob criterioso método científico, é importante deixar claro, desde logo, que não há aqui a intenção de desautorizar as obras mencionadas ou tantas

outras de agrado geral. Isso, não! Tais livros, sem dúvida alguma, têm seu valor já que contribuem para a reflexão, a assimilação de ideias e a difusão de importantes questões espirituais. O ponto é que precisamos refletir sobre o que nos é dito. *Todo leitor precisa analisar o que lê*, pois uma interpretação literal ou mesmo apressada pode nos levar a crer no que não corresponde exatamente aos ensinamentos de Kardec, que devem ser sempre o fiel da balança.

Para explicar melhor nosso ponto de vista, vamos usar algumas passagens do famoso livro *Nosso Lar* para reflexão conjunta. Vamos?!

“Eu guardava a impressão de haver perdido a ideia de tempo. A noção de espaço esvaíra-se-me de há muito”. *Nosso Lar* – 1. Nas Zonas Inferiores. André Luiz.

Deparamo-nos, aqui, com a *problemática do tempo e do espaço na mente do desencarnado*. Afinal, a nossa noção de tempo e espaço se aplica aos Espíritos na dimensão espiritual?

Antes de prosseguir, que tal ir até à questão 240 de *O Livro dos Espíritos*?

Foi lá?

Juliana Nader e Léia da Hora

Ah, então, você já viu que os Espíritos não compreendem o tempo como nós. Na realidade, eles vivem fora do tempo como o entendemos. A duração do tempo, para os Espíritos, deixa, por assim dizer, de existir. Os séculos, para nós, tão longos não passam, aos olhos deles, de instantes que se movem na eternidade, do mesmo modo que os relevos do solo desaparecem para quem se eleva no espaço.

Bastante curiosa esta questão porque não é que André Luiz tenha perdido a noção do tempo ou do espaço. É que, para os Espíritos, a rigor, não existe nem um, nem outro.

Mas a conclusão não desabona André Luiz, apenas aponta a necessidade de mudarmos a forma de receber os relatos apresentados pelos Espíritos desencarnados, submetendo ao crivo da razão “sem exceção, tudo o que vem dos Espíritos”, como nos indicou o próprio Allan Kardec na *Revista Espírita* de 1864.

Outro trecho interessante é este: “*De início, as lágrimas lavavam-me incessantemente o rosto e apenas, em minutos raros, felicitava-me a bênção do sono. Interrompia-se, porém, bruscamente, a sensação de alívio*”.



O Espiritismo de uma forma mais simples (3ª edição – revisada 2014)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



O Evangelho de uma forma mais simples (2009)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria

» Espírito trabalha e descansa?

A questão 254 d’O Livro dos Espíritos nos esclarece que os Espíritos “não podem sentir a fadiga” como a entendemos, de tal modo que “não precisam de descanso corporal”, como nós, “pois que não possuem órgãos cujas forças devam ser reparadas. O Espírito, entretanto, repousa, no sentido de não estar em constante atividade. Ele não atua materialmente. Sua ação é toda intelectual e inteiramente moral o seu repouso. Quer isto dizer que momentos há em que o seu pensamento deixa de ser tão ativo quanto de ordinário e não se fixa em qualquer objeto determinado. É um verdadeiro repouso, mas de nenhum modo comparável ao do corpo. A espécie de fadiga que os Espíritos são suscetíveis de sentir guarda relação com a inferioridade deles. Quanto mais elevados sejam, tanto menos precisarão de repousar.”

Por esta explicação, podemos entender que reviver na lembrança os erros cometidos era causa de grande cansaço mental para André Luiz, de tal forma que, quando, por alguns instantes, sua mente deixava-se “descansar” dos pensamentos ativos, ele sentia como que felicitado “pelas bênçãos do sono”. Muito interessante, não é, gente? Espírito não necessita de sono...

Vamos adiante.

Que tal analisarmos esta passagem? *“Persistiam as necessidades fisiológicas, sem modificação. Castigava-me a fome todas as fibras e, nada obstante, o abatimento progressivo não me fazia cair definitivamente em absoluta exaustão. De quando em quando, deparavam-se-me verduras que me pareciam agrestes, em torno de humildes filetes d’água a que me atirava sequioso. Devorava as folhas desconhecidas, colava os lábios à nascente turva, enquanto mo permitiam as forças irresistíveis, a impelirem-me para frente. Muita vez suguei a lama da estrada, recordei o antigo pão de cada dia, vertendo copioso pranto”*. Nosso Lar – 2. Clarêncio.

Frente a tal panorama, vale desenvolvermos um raciocínio: como seria o comportamento de um encarnado em semelhante situação? Por quanto tempo o homem suportaria ficar sem o alimento para o corpo? Só de pensar na possibilidade de tal privação, é comum já sentirmos certa angústia e até medo. Em assim sendo, fica mais fácil compreender o porquê de tal fala de André Luiz, que, em sua lembrança acerca da vida material, naquela altura dos acontecimentos, pelo “tempo” de sua memória, já se via “morrendo de fome”. E, certamente, sairia rastejando em busca de qualquer alimento que o poderia saciar. A água e as verduras seriam fruto de suas recordações e sua imaginação.

Com efeito, a questão das necessidades fisiológicas e dos sentimentos dos Espíritos não passou despercebida por Allan Kardec. Tanto é assim que perguntou à Espiritualidade Superior: os “Espíritos experimentam as nossas necessidades e sofrimentos físicos?” e “Por que, deixando a Terra, não deixam aí os Espíritos todas as más paixões, uma vez que lhes reconhecem os inconvenientes?”. Ao que obteve claras respostas: 1) os Espíritos conhecem os sofrimentos porque já sofreram, mas não enfrentam sofrimento material na erraticidade exatamente por serem Espíritos; e 2) os Espíritos, ao desencarnarem, não deixam de ter os defeitos que tinham na Terra, “sobretudo os que alimentaram paixões bem acentuadas”, que mantêm “uma espécie de atmosfera que os envolve, conservando-lhes o que têm de mau, por não se achar o Espírito inteiramente desprendido da matéria. Só por momentos ele entrevê a verdade, que assim lhe aparece como que para mostrar-lhe o bom caminho.” (Aqui, é importante destacar que entendemos a questão de mau como sendo ignorância, falta de experiência).

Ou seja: por serem Espíritos, os desencarnados não sentem as mesmas necessidades físicas que os encarnados experimentam, ao mesmo tempo que não se tornam criaturas

angelicais em razão da morte do corpo físico. Isso, inclusive, afrontaria as Leis Naturais.

Falando nas Leis Divinas, então, eis que outro trecho vem à mente. Encontra-se no Capítulo 7, chamado “Explicações de Lisias”: *“Das janelas largas, observava, curioso, o movimento do parque. Extremamente surpreendido, identificava animais domésticos, entre as árvores frondosas, enfileiradas ao fundo”*.

Assim sendo, pergunta-se: *existem, no plano espiritual casas e jardins? Violetas na janela?*

O tal capítulo 7 leva, inicialmente, a crer que sim; porém, a bem da verdade, a nota de rodapé disposta pelo próprio André Luiz, em situação semelhante, no capítulo 3 do mesmo livro, deixa claro que o cenário apresentado nada mais era que *“imagem simbólica formada pelas vibrações mentais dos habitantes da colônia”*.

Segundo Allan Kardec, este é o conceito de ideoplastia, formas pensamento, criações mentais ou outra designação que tenha o mesmo significado.

Em outros termos: as construções mentais, tais como flores na janela, casas com esta ou aquela característica, praças e monumentos, ganham forma no plano espiritual, sim; porém, por si só, não se mantêm... Cessado o pensamento que as sustenta, cessa também a imagem projetada.

Vale, sobre o ponto, a leitura do capítulo XIV de A Gênese, que bem esclarece a duração transitória das criações mentais.

Mas, afinal, essas criações são reais?

Sim, são reais, mas não autônomas ou permanentes. São projeções do pensamento.

Em outro giro: trata-se de fenômeno similar ao que ocorre com o funcionamento de um *data show* ou mesmo com a dinâmica das conferências virtuais. A projeção de um *data show*, a imagem apresentada, é real? Com certeza, sim. Mas o que é projetado tem existência própria, permanece após desligarmos o aparelho? As reuniões via internet, em



A Mediunidade de uma forma mais simples (2016)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



Que somos nós? Um estudo da interação Espírito, corpo e ambiente (2015)

Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques, Carlos Alberto Mourão Júnior, Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio Gouvêa, Eliane Banhato e Lyderson Viccini

R\$ 22,00

Disponível na Livraria



que vemos e ouvimos o outro são reais, não são? Mas o que acontece quando encerramos a reunião?

Sendo assim, podemos afirmar que André Luiz e tantos outros Espíritos relataram o que realmente viram. Não inventaram uma realidade, porém, não explicaram dou-

trinariamente os fatos; e, provavelmente, não o fizeram porque seu foco era outro e a tarefa do estudo para uma melhor compreensão sobre o que lemos, em verdade, compete a nós.

Ler não basta; afinal, como dito, *todo leitor precisa analisar o que lê*, sob pena

de, em não o fazendo, ocupar a posição de “espírita por tradição”, daquele naipe que endeusa pessoas e acata as ideias que mais lhe agradam, sem questionar, esquecendo que só a fê raciocinada é capaz de evitar dogmas.

Fiquem com Deus e até uma próxima!

Do que falta

Ely Edison Matos

“(...) ela, porém, do que lhe falta, colocou tudo quanto tinha.” (Marcos 12:44)

Diante do gazofilácio — uma das caixas no Templo de Jerusalém usadas para recolher doações — Jesus observa uma viúva pobre colocar duas pequenas moedas. O valor era irrisório, equivalente a um quarto de centavo. Contudo, o gesto da mulher contrastava profundamente com as muitas moedas depositadas pelos ricos. Chamando os discípulos, o Mestre explica que ela havia colocado “mais que todos”, pois havia oferecido “do que lhe falta”.

Essa breve cena nos propõe um ensinamento moral. Allan Kardec comenta essa passagem em *O Evangelho segundo o Espiritismo* [1] sob a ótica da caridade para com o próximo: a verdadeira generosidade está no sacrifício, não na quantidade. Entretanto, há também outra forma de interpretar essa cena — uma que se volta para o nosso próprio interior. A viúva, ao doar do que lhe faltava, convida-nos a pensar na caridade que devemos a nós mesmos, no esforço íntimo de oferecer ao mundo aquilo que ainda não possuímos plenamente.

Como é possível oferecer o que nos falta? A pergunta parece um paradoxo. Se não tenho paciência, como posso distribuí-la? Se não tenho coragem, como posso demonstrá-la? Contudo, é justamente aí que reside a força do ensinamento: oferecer do que nos falta significa exercitar a virtude que ainda estamos aprendendo. É transformar a ausência em esforço, o vazio em oportunidade de crescimento.

Muitas vezes, dizemos: “não tenho mais paciência para isso!”. Mas é justamente nesses instantes de irritação que se revela o campo mais fértil para

cultivar a paciência. Quando o outro nos desafia, estamos sendo convidados ao exercício da serenidade. Oferecer um pouco de paciência a quem nos fere é, em verdade, oferecer um pouco de paz a nós mesmos.

Também é comum ouvirmos: “não tenho mais tempo para nada!”. No entanto, o tempo é sempre uma questão de prioridade. Quando afirmamos que não temos tempo para os outros, talvez estejamos apenas priorizando a nós mesmos. Curiosamente, os verdadeiros ociosos são, muitas vezes, aqueles que vivem ocupados demais consigo próprios. O Evangelho nos convida a reorganizar nossa agenda interior, encontrando minutos de atenção e presença para quem precisa. Às vezes, o gesto mais nobre não é o da grande renúncia, mas o da simples disponibilidade.

Há ainda quem diga: “me falta coragem para falar no grupo de estudos”, ou “não consigo expor minhas ideias”. Mas se expressar é um exercício de humildade: é acreditar que podemos errar, ser corrigidos, mas, ainda assim, contribuir. Quando nos dispomos a oferecer nossa palavra e opinião, mesmo com receio, estamos praticando o desapego do orgulho. O valor do ato não está na perfeição ou correção do discurso, mas na tentativa de uma colaboração sincera e da disposição em aprender.

Outros afirmam: “não tenho jeito para lidar com crianças, com idosos ou com doentes”. No entanto, são justamente essas experiências que revelam o jeito que acreditávamos não ter. As atividades da evangelização infantil, as visitas a hospitais ou as tarefas assistenciais não são apenas oportunidades de servir; são

laboratórios de autodescoberta. Quando nos colocamos disponíveis, podemos encontrar dentro de nós habilidades adormecidas, sensibilidades que ignorávamos possuir.

Não se trata de acumular tarefas, mas de aprender com cada uma delas. O trabalho do bem não é uma lista de obrigações, mas um campo de aperfeiçoamento espiritual. Às vezes, no entanto, acomodamo-nos nas conquistas já alcançadas. Fazemos o bem, mas um bem confortável, previsível, burocrático. Continuamos no serviço, mas sem desafios, sem o toque de superação que transforma o Espírito. Assim, como os ricos do Evangelho, oferecemos apenas daquilo que já temos em abundância — tempo, conhecimento, prática. O verdadeiro convite, porém, é ir além: oferecer o que nos custa, o que nos exige mudança, o que ainda não dominamos.

“Oferecer do que falta” é, portanto, mais um caminho para o aprimoramento moral. É o exercício consciente de sair de si mesmo e construir o que ainda não existe em nós. Quando oferecemos paciência em meio à impaciência, generosidade em meio à escassez, ou coragem em meio ao medo, estamos erguendo a ponte entre o ser que somos e o ser que desejamos ser.

A doação da viúva do Evangelho não estava nas duas moedas. Por isso, talvez, Jesus a tenha destacado: porque ela demonstrava a capacidade de agir, mesmo em meio à carência. Que cada um de nós, ao olhar para nossas próprias faltas, veja nelas não um limite, mas um convite. O convite de oferecer mais, ainda que seja pouco; de oferecer do que nos falta, para que, um dia, não falte mais.

[1] Capítulo 13, itens 5 e 6.

Priorizando o ensino do Espiritismo na Evangelização

Izabela de Pádua e José Dias Vieira Braga

(ou por que estudar os princípios espíritas contidos nas obras de Kardec e transmiti-los às crianças e aos jovens nas escolas de educação espírita, antes mesmo dos ensinamentos morais de Jesus)

Todos nós, que estamos em contato com as crianças e os jovens na casa espírita, deveríamos nos preocupar com o ensino do Espiritismo, dada a importância dessa doutrina na orientação de nossas vidas.

Daí, vem o questionamento: o que devemos ensinar? A parte moral do Espiritismo, que está nas máximas do pensamento de Jesus? Seria isso suficiente? Bastaria? Ou deveríamos nos dedicar à abordagem dos fundamentos da doutrina trazidos por Kardec?

A moral, ao longo de muito tempo, desde a Grécia antiga, é trazida pelos gregos e filósofos espiritualistas, como proposta da prática das virtudes. Se tivesse sido suficiente, provavelmente teria realizado a transformação moral da humanidade, a paz e a felicidade.

Allan Kardec traz algumas reflexões nesse sentido ao longo de suas obras. N^o *O Livro dos Espíritos*, em sua terceira parte, Kardec nos deixa o ensinamento das leis morais. Antes, porém, na primeira e segunda partes, encontramos o fundamento necessário para que o ensinamento moral produza seu efeito. Afinal, é preciso ter motivação para que o homem busque seu melhoramento moral.

No texto da *Revista Espírita* 1865 (agosto), “O que ensina o Espiritismo”, Kardec nos mostra o caminho para que o ensinamento moral possa ser mais eficiente. E o que o Espiritismo nos ensina, posto no primeiro de 10 itens, é que este nos traz a prova cabal da existência da alma, baseado em fatos e argumentos, mostrando as

provas de tal evento. Se não há dúvida da sobrevivência da alma à morte do corpo, isso serve de motivação para a busca da transformação moral.

São os princípios do Espiritismo:

1. Existência de Deus
2. Imortalidade da alma
3. Lei de causa e efeito
4. Reencarnação
5. Pluralidade dos mundos habitados
6. Comunicabilidade dos Espíritos
7. Fé raciocinada
8. Evolução
9. Moral de Jesus
10. Prática da caridade

Na *Revista Espírita* e em *O Céu e o Inferno*, Kardec traz relatos de como é a vida dos Espíritos após a morte do corpo.

Ao compreender a imortalidade da alma por meio da compreensão dos fundamentos, e interagindo com os Espíritos, o indivíduo deverá se sentir motivado a buscar essa nova realidade em melhores condições e uma vida mais feliz. Convencido dessa vida futura, perceberá que vale o esforço de viver o ensinamento moral e seguir a estratégia que Kardec demonstra em suas obras.

Por exemplo, a interação com nosso anjo guardião nos ajuda a superar imperfeições, enfrentar dificuldades morais. Ensinar isso aos nossos jovens e crianças traz ferramentas para que o indivíduo compreenda o que ele é e o que o aguarda no mundo espiritual. Essa sintonia com o anjo guardião e essa interação, por meio da prece que pede inspiração dos Espíritos, mostram-nos que esse mundo espiritual

está em constante contato conosco. Que nosso desequilíbrio abre caminho para a influência de Espíritos imperfeitos, que nos levam a comportamentos equivocados, atrasando o nosso progresso. Assim, estaremos ensinando essas realidades e a como enfrentar a influência desses Espíritos imperfeitos, dando ao indivíduo todos os elementos racionais e fundamentais para que, posteriormente, coloque em prática todo o ensinamento moral do Cristo. Se assim não for, repetiremos o que já tem sido feito ao longo dos séculos na humanidade, ensinando máximas morais isoladas, e não os princípios fundamentais do Espiritismo.

Apoiando o ensinamento moral e fazendo com que nossos jovens e crianças percebam que há uma relação profunda entre leis morais e a vida após a morte do corpo, estaremos trazendo a essência do Espiritismo para mais perto e tornando Jesus ainda maior!

Em consonância com o Princípio da comunicabilidade com os Espíritos – um dos aspectos mais consoladores da Doutrina –, deve-se mostrar para as crianças e os jovens que essa faculdade não é para alguns privilegiados. Ademais, incentivar o quanto antes o diálogo de cada um com seu anjo guardião para que, aqueles que em algum momento manifestarem a faculdade mais específica para dialogar com outros Espíritos, inclusive familiares, saibam recorrer ao amparo e apoio dessa entidade, como é recomendado nas obras fundamentais do Espiritismo.

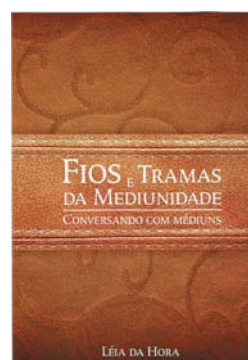


**Fios e tramas da mediunidade:
no âmbito da reunião
mediúnica (2018)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria



**Fios e tramas da mediunidade:
conversando com médiuns
(2012)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria



Além disso, ensinar desde cedo a escala espírita que, segundo Allan Kardec, é a chave para se compreender o Espiritismo. Dentro dela, podemos nos localizar e também os Espíritos que se comunicam, seja por meio de obras mediúnicas, seja em sessões reservadas, confiando em cada um na proporção do que sua posição na escala indica.

Se obtivermos sucesso, estaremos

agindo no sentido de proteger nossas crianças e nossos adolescentes, frequentadores da escola de educação espírita, contra as mistificações de Espíritos Inferiores que tanto atrasam nosso progresso intelecto-moral.

Referências:

ENSINAR o Espiritismo para viver seus ensinamentos. Programa Mundo Jo-

vem Espírita.[S. l.]: Instituição Espírita Humberto de Campos, 2025. 1 vídeo (81 min). Publicado pelo canal Mundo Jovem Espírita. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/bpJL-cBjZWrM>. Acesso em: 28 nov. 2025.

KARDECPÉDIA. *Obras de Kardec e documentos*. [S. l.]: Ideak, 2025. Disponível em: <https://kardecpedia.com/obra>. Acesso em: 28 nov. 2025.

Natal

Irmão Silas

Corações que pulsam em ritmo descadenciado
Luzes que piscam de forma tão precisa
E lágrimas que rolam de olhos aflitos.

Na fantasia infantil
O presente que não veio
Dos genitores, apenas o amor
Situações inexistentes aos irmãos desatentos.

Dizem que o aniversário é do CRISTO
Entretanto quase nunca ele é convidado.

Irmãos, preocupem-se com o próximo
Já pensaram quão doloroso é, ao genitor, a noite de natal?
Mãos, barrigas vazias, somente o cheiro de outrem
Acolham! Deixem por conta do PAI a "justiça".

Natal verdadeiro é o Natal com CRISTO
Dura 365 dias onde todas as ações revivem os ensinamentos de JESUS.

Caso tenha dificuldade
Dê ao próximo
Pequena receita dada pelo MESTRE:
"Ame teu próximo como a ti mesmo."

Psicografia recebida no IDE-JF. Médium: *Thales*.



Breve história de todos nós – Uma síntese do tema Evolução e Espiritismo (2014)

Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques,
Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio
Gouvêa e Lyderson Viccini

R\$ 25,00

Disponível na Livraria



Maco, o prego feliz (2013)

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria